

A senhora A.

No dia do meu trigésimo quinto aniversário, a senhora A. renunciou subitamente à obstinação que, a meu ver, a caracterizava mais do que qualquer outra qualidade e, já disposta numa cama que agora parecia excessiva para o seu corpo, abandonou finalmente o mundo que conhecemos.

Naquela manhã eu tinha ido ao aeroporto buscar Nora, que regressava de uma breve viagem de trabalho. Apesar de dezembro já ir adiantado, o inverno fazia-se esperar e as bermas monótonas de ambos os lados da autoestrada estavam empalidecidas por uma camada subtil de neblina, como para imitar a neve que não se decidia a cair. Nora atendeu o telefone, após o que não falou muito, ficou sobretudo a ouvir. Disse “eu percebo”, “está bem”, “então terça-feira”, depois acrescentou uma dessas frases que a experiência nos oferece para colmatar, em caso de necessidade, a falta de palavras adequadas: — Talvez tenha sido melhor assim.

Parei na primeira área de serviço para que ela pudesse sair do carro e caminhar sozinha até um ponto indefinido do estacionamento. Chorava discretamente, com a mão direita em concha a tapar a boca e o nariz. Entre as inúmeras coisas que aprendi sobre a minha mulher em dez anos de casamento está o vício

de se isolar nos momentos de dor. Torna-se inacessível de repente, não deixa que ninguém a console, obriga-me a ficar ali, espectador inútil do seu sofrimento — uma reserva que confundi por vezes com falta de generosidade.

No resto do percurso, mantive uma velocidade mais lenta, pareceu-me uma forma razoável de respeito. Tínhamos falado da senhora A., evocando algumas histórias engraçadas do passado, apesar de muitas não serem verdadeiramente histórias — não tínhamos nenhuma com ela —, quando muito hábitos, hábitos de tal modo enraizados na nossa vida familiar que quase pareciam lendários: a pontualidade com que todas as manhãs nos informava sobre o horóscopo que tinha ouvido na rádio enquanto ainda estávamos a dormir; a maneira que tinha de se apropriar de certas zonas da casa, sobretudo da cozinha, ao ponto de lhe chegarmos a pedir autorização para abrirmos o nosso próprio frigorífico; as máximas com que punha um ponto final naquilo que, segundo ela, eram complicações inúteis, criadas por nós, os jovens; o seu andar marcial, masculino, e também a sua avareza incorrigível: — Lembra-te daquela vez em que nos esquecemos de lhe deixar dinheiro para as compras? Ela esvaziou a lata das moedas, e juntou todos os cêntimos.

Após alguns minutos de silêncio, Nora acrescentou: — Mas que mulher! A nossa Babette. Sempre presente. Até desta vez esperou que eu regressasse.

Não lhe chamei a atenção para o facto de me ter excluído sumariamente do quadro geral, nem tive coragem de lhe confessar no que estava a pensar nesse preciso instante: que a senhora A. tinha esperado pelo dia do meu aniversário para partir. Estávamos ambos, pois, a criar um pequeno consolo pessoal. Não há mais nada a fazer perante a morte de alguém senão inventar atenuantes, atribuir ao defunto um último gesto de desvelo que ele tenha querido reservar só para nós, organizar as coincidências segundo um plano que lhes dê sentido. No entanto, hoje, com a inevitável frieza da distância, custa-me acreditar que tenha sido mesmo assim. O sofrimento já levava a

senhora A. para longe de nós, de quem quer que fosse, muito antes daquela manhã de dezembro, empurrara-a para um canto isolado do mundo — tal como Nora se afastara de mim na área de serviço da autoestrada — e, daí, ela virava-nos as costas.

Chamávamos-lhe assim, Babette; a alcunha agradava-nos porque sugeria uma certa pertença, e agradava-lhe porque era toda sua e soava como um afago, com aquela cadência francesa. Creio que Emanuele nunca compreendeu o seu significado, mas talvez um dia acabe por se deparar com o conto de Karen Blixen, ou mais provavelmente com o filme, e então fará a ligação. No entanto, aceitou de bom grado que a senhora A. se tornasse Babette a partir de um determinado momento, a *sua* Babette, e creio que associava aquele epíteto, por assonância, à bata dela, a bata que a ama vestia, o seu primeiro gesto assim que entrava em nossa casa, e que voltava a deixar pendurada junto à arca no final do dia. Quando Nora descobriu o estado miserável em que a bata estava e lhe ofereceu uma nova, ela guardou-a na despensa e nunca a usou. Era assim, nunca mudava nada, pelo contrário, opunha-se às mudanças de corpo e alma e, apesar de a sua teimosia ser ridícula, por vezes até tola, não posso negar que gostávamos dela. Na nossa vida, a minha e a de Nora e a de Emanuele, que nessa altura parecia revolucionar-se todos os dias e balançava perigosamente ao vento como uma planta jovem, ela era um elemento fixo, um apoio, uma árvore antiga, de tronco tão largo que não era possível rodeá-lo com três pares de braços.

Tornara-se Babette num sábado de abril. Emanuele já falava, mas ainda se sentava na cadeirinha de bebé, de modo que deve ter acontecido há cinco, talvez seis anos. A senhora A. insistira durante meses para que fôssemos almoçar a sua casa pelo menos uma vez. Nora e eu, especialistas em recusarmos qualquer convite que cheirasse, ainda que vagamente, a reunião familiar, tínhamos conseguido escapar durante muito tempo, mas a se-

nhora A. não se deixava desencorajar e todas as segundas-feiras estava disposta a renovar o convite para o fim de semana seguinte. Tínhamos acabado por ceder. Fomos de carro até Rubiana num estado de estranha concentração, como se nos preparássemos para fazer algo de pouco espontâneo que exigiria um elevado grau de empenho. Não estávamos habituados a sentar-nos à mesa com a senhora A., ainda não: apesar do convívio assíduo, estabelecera-se entre nós uma relação implicitamente hierárquica, segundo a qual, quando muito, ela ficava de pé, atarefada, enquanto nós comíamos e falávamos dos nossos assuntos. Se calhar nessa altura ainda nem sequer nos tratávamos por tu.

— Rubiana — dissera Nora, observando perplexa a colina coberta de árvores —, imagina passar a vida inteira aqui.

Visitámos o apartamento de três assoalhadas em que a senhora A. passava a sua viuvez solitária e desfizemo-nos em elogios excessivos. As informações que tínhamos sobre o seu passado eram escassas — Nora sabia pouco mais do que eu — e, não podendo atribuir um sentido afetivo àquilo que víamos, o ambiente parecera-nos apenas o de uma casa inutilmente pomposa, um pouco *kitsch* e muito limpa. A senhora A. tinha posto impecavelmente a mesa redonda da sala, com talheres de prata alinhados sobre uma toalha às flores e copos pesados de bordo dourado. O almoço em si, pensei, parecia um pretexto para justificar a existência daquele serviço de louça, que obviamente não era utilizado há anos.

Seduziu-nos com um menu estudado de modo a constituir uma síntese das nossas preferências: sopa de espelta e lentilhas, costeletas em salmoura, gratinado de funcho com um molho bechamel muito leve, e ainda uma salada de folhas de girassol colhidas por ela, cortadas muito finamente e temperadas com mostarda e azeite. Ainda me lembro de cada prato e da sensação física de abandonar gradualmente a rigidez inicial para ser conquistado por aqueles mimos culinários.

— Exatamente como Babette! — exclamara Nora.

— Como quem?

Tínhamos-lhe, pois, contado a história e a senhora A. ficara comovida ao ouvi-la, imaginando-se a si própria no lugar da cozinheira que deixou o Café Anglais para servir duas solteironas e que depois gastou todo o seu dinheiro para lhes preparar uma refeição inesquecível. Secara os olhos com a ponta do avental e voltara-nos de repente as costas, fingindo que estava a arrumar alguma coisa.

Passaram vários anos até a ver novamente a chorar, não de alegria desta vez, mas de medo. Nessa altura já éramos suficientemente íntimos para não me sentir envergonhado quando lhe peguei na mão e lhe disse: — Tu vais conseguir. Há muita gente que se deixa abater, mas tu conheces a doença porque já a enfrentaste uma vez. És suficientemente forte.

E eu acreditava mesmo nisso. Depois, vi-a desintegrar-se tão depressa que não houve sequer oportunidade para nos despedirmos devidamente, ou encontrarmos as palavras adequadas para lhe dizer tudo o que ela tinha significado para nós.